

# AMAZORA

## o DNA da vida amazônica

Esc. Mul. Zoraida Ribeiro Alexandre

Jackson Souza  
Aliny Ehnert  
Clemente Guimarães  
Elaine Barroso  
(orgs.)







**AMAZORA :**  
**o DNA da vida amazônica**

AMAZORA :  
o DNA da vida amazônica



Manacapuru/AM

2016

**ORGANIZADORES:**

Jackson Azevedo de Souza (et al)

Alinny Barbosa von Ehnert

Clemente Furtado Guimarães

Elaine de Souza Barroso

**PROJETO GRÁFICO:**

Alinny Barbosa von Ehnert

**CAPA:**

Alexandre Ricardo von Ehnert

Emanuel Graça

**ILUSTRAÇÕES:**

Francisco William da Silva Maciel

**DIAGRAMAÇÃO**

Alexandre Ricardo von Ehnert

**COLABORAÇÃO:**

Alessandra Lima Coelho

Dermilson Andrade

Fábio Freira

Francisco Manoel Fernandes Picanço

Francisco Valdemir Gomes da Silva

Irlane Cavalcante de Amorim

Lúcia Maria Martins Carvalho

Luciene Praiano Martins.

Mailson Alesander de Souza Barroso

Maria de Fátima da Silva Lima Cruz

Maria Iulane Pires

Maria de Jesus Silva e Silva

Maria Francisca dos Santos

Marlinda Guimarães Aguiar

Matheus Martins Azevedo

Mileny Soares da Cunha

Rosineia Ferreira Veríssimo

**Ficha Catalográfica**

---

S719a                      Amazora: o DNA da vida amazônica / Jackson Azevedo de Souza, Alinny Barbosa von Ehnert, Clemente Furtado Guimarães, Elaine de Souza Barroso. Manacapuru: IFAM - Campus Manacapuru, 2016.

66p. 21 cm

ISBN 978-85-69971-03-0

1. Etnias amazônicas.    2. Educação.    1. Título

CDD: 790.1922

---

Catálogo na fonte

**Prefeito de Manacapuru**

**JAZIEL NUNES DE ALENCAR**

**Secretário Municipal de Educação**

**WELLINGTON DE OLIVEIRA SENA**

**Gestor da Esc. Mul. Zoraida Ribeiro Alexandre**

**JACKSON AZEVEDO DE SOUZA**



**MANACAPURU / AM**

**2016**

# Sumário

---

|   |    |
|---|----|
| Apresentação  | 07 |
| Agradecimentos  | 09 |
| Poema – Tupinambás<br>Dermilson Andrade   | 11 |
| LEI N° 11.645: a importância de se estudar a cultura indígena em salas de aula não indígenas<br>Alinny Barbosa von Ehnert | 13 |
| AMAZORA : relatos de um projeto<br>Elaine de Souza Barroso  | 23 |
| ETNIA APURINÃ   | 27 |
| ETNIA ARARA   | 31 |
| ETNIA BANIWA  | 35 |
| ETNIA BARÉ  | 39 |
| ETNIA KAMBEBA   | 43 |
| ETNIA MUNDURUKU   | 47 |
| ETNIA MURAS   | 51 |
| ETNIA TICUNAS   | 55 |
| ETNIA WAIMIRI- ATROARI  | 59 |
| POEMA - Lamentação indígena<br>Clemente Furtado Guimarães   | 63 |



# Apresentação

---

Séculos já se passaram e apesar do genocídio imposto pela “ideológica civilização” a cultura construída por nossas etnias insiste teimosamente em atravessar o tempo e a contestar toda ideologia que insiste em negar o verdadeiro DNA introjetado não apenas em nossa condição humana, mas principalmente na perpetuação sociocultural da tolerância no planeta.

A Escola Zoraida Ribeiro Alexandre, por meio do Projeto AMAZORA, Amor pela Fauna e Flora e por considerar toda contribuição de nossos povos indígenas, está propondo na Obra AMAZORA: O DNA da Vida Amazônica, uma profunda reflexão para os tempos modernos do quanto realmente todo o capital cultural grafado no DNA de nossas vidas, tem sido respeitado e até que ponto a modernidade está disposta a proporcionar um resgate dessas raízes para evitar o caos social.

Nosso educandário acredita e confiou a coautoria desta Histórica Obra aos nossos alunos e alunas, extraindo de todos e todas, à vontade e o compromisso de olhar para o passado e projetá-lo dinamicamente para o nosso cotidiano, alimentando-os culturalmente para que os mesmos possam processualmente construir através de aulas inovadoras valores que respeitem a diversidade cultural, tornando mais saudável essa sociedade modernizada, que paradoxalmente vive o caos e a intolerância em tempos contemporâneos.

Isto posto, queremos respeitosamente homenagear os Ticunas, Waimiri Atroari, Mura, Kambeba, Munduruku, Bare, Apurinã, Baniwa, Arara e através delas todas as etnias desse solo amazônico.

Etnias que sem dúvidas compõem o DNA da vida Amazônica e juntas são as guardiãs de todo nosso ecossistema, portanto viaje conosco nessa senda Literária, de raízes milenares, vamos juntos “AMAZORAR” e com isso nossa história prosseguir, pois ser índio com orgulho depende de cada olhar, e nesse olhar reflexivo ver a garantia da preservação de nosso DNA, viva a Amazônia!

Jackson Azevedo de Souza

# Agradecimentos

---

A Deus pela autoria e fonte de todo o conhecimento.

Aos professores/autores que aceitaram e tão dedicadamente participaram da elaboração dos textos que compõem esta obra.

Aos alunos e alunas que atenderam ao chamado e acreditaram na construção dos saberes para a mudança de comportamento.

Ao Campus Manacapuru do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFAM) por possibilitar a publicação desta obra.

Aos membros do Comitê Técnico Científico do IFAM que generosamente fizeram observações que possibilitaram a ampliação das discussões propostas nesta obra.

À Secretaria Municipal de Educação de Manacapuru por seu apoio.

À UNESCO pela parceria no Projeto AMAZORA por meio do Projeto das Escolas Associadas - PEA, do qual esta obra é fruto.

Por fim agradecemos a todos aqueles que lutam pela interculturalidade universal, cujos pilares são construídos por homens e mulheres que doam suas vidas para a construção de um mundo onde haja o respeito pela multiculturalidade.

Os organizadores



# Tupinambás

---

Dermilson Andrade

Tupinambás  
Tupinambás  
Tupinambás ...  
A guerra desfez a inocência,  
desprende as mãos.  
A terra reclama seus mortos,  
que à deriva estão.  
E no som dos tambores a tristeza  
e no peito grande dor.  
E nos sonhos de menino,  
a inocente canção de amor.  
Tupinambás.  
Tupinambás.  
Tupinambás.  
Tupinambás ...  
Os espíritos dos mortos,  
pairam sobre a omissão.  
Dos que aqui vieram  
e pouco fizeram em prol desse torrão.  
Tortuosos os caminhos,  
que se teve que cruzar.  
Nossa língua fez-se mansa,  
ilusoriamente se fez o sonhar.  
As riquezas plantaram em outros chão,  
longe desses filhos mil,  
da herança nos privaram.  
Isso é um pouco de Brasil!



# Lei nº 11.645: A importância de se estudar a cultura indígena em salas de aula não indígenas

---

Alinny Barbosa von Ehnert

Em 10 de março de 2010 o presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou a Lei de nº 11.645, onde ficou decretado que as escolas deveriam contemplar em seu currículo base o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira. Neste capítulo iremos refletir acerca da relevância do estudo da cultura e da história indígena, em especial para as escolas não indígenas.

## **A temática indígena e a legislação educacional**

A discussão acerca da pluralidade cultural brasileira e em especial a dos principais povos autóctones da América não é recente no cenário de nosso país. Já em 1943 com o Decreto-Lei Nº 5.540 havia sido instituído no Brasil o Dia do Índio, resultado da pauta do Primeiro Congresso Indigenista Interamericano, reunido no México em 1940 e posteriormente ratificado pelo Brasil. Esta data passou a ser comemorada todos os anos em grande parte das escolas públicas e privadas do Brasil e em de todo os demais países ratificantes do congresso.

Cabe-se, pois, refletir se essa inserção como data solene no calendário realmente foi eficaz para a discussão acerca da temática indígena nas escolas. Para isso podemos recorrer a nossa própria memória: Quando estudávamos, o

que era discutido em sala todos os anos acerca dos povos indígenas?

Se a sua escola era semelhante à maioria, o Dia do Índio era uma data voltada para a lembrança de que nosso país é formado sobre um território que não estava vazio quando os colonizadores portugueses “descobriram”, o continente americano no ano de mil e quinhentos. O problema é que esse modelo indígena de meio milênio atrás era retomado anualmente como o indígena a ser estudado, (re)produzindo um modelo atemporal, quase sempre uma figura genérica, estereotipada, exótica, representada pela alegria, ingenuidade e liberdade, criando assim um indígena que só apresenta características do passado (BONIN, 2010).

Buscando corrigir esta abordagem equivocada, em 1996 ao se elaborar a Lei 9.394 de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) contemplou-se a temática no artigo 26 parágrafo 4º que especificava que “o ensino da História do Brasil **levará em conta** as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia” (BRASIL, grifo nosso).

O termo “levará em conta” demonstrou-se insuficiente ou ineficaz para a mudança da perspectiva de abordagem realizada até então no ambiente educacional, sendo que o resultado foi que ao se discutir acerca das três grandes matrizes que originaram a população de nosso país, privilegiou-se a matriz europeia em detrimento das demais. Frente a isto verificamos que mesmo com esta orientação foi necessária a criação de leis posteriores com o caráter de regulamentar como deveria ser feita esta abordagem.

Em 2003 a lei 10.639 inseriu na LDB o artigo 26A referente à temática da cultura afro-brasileira, lei considerada

um marco na luta pela preservação da cultura dos grupos afro-brasileiros.

No ano de 2008 a lei 11.645 buscou corrigir um equívoco observado na 10.639, que foi o fato da mesma não ter contemplado a temática indígena sendo assim dada nova redação ao artigo 26A da lei 10.639 e, conseqüentemente, a LDB, inseriu-se também a temática indígena no Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Com essas alterações a legislação já não trata mais como orientação a discussão acerca do indígena em sala de aula, mas sim como uma obrigatoriedade, conforme podemos observar no artigo 26A da lei 11.645, quando diz que

nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, **torna-se obrigatório** o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (BRASIL, 2008, grifo nosso).

Frente a esta obrigatoriedade cabe-nos, pois, refletir acerca de qual abordagem teremos acerca da temática indígena em sala com nossos alunos e qual a periodicidade destas discussões. Na própria redação dada pela lei 11.645, no primeiro parágrafo do artigo 26A vemos que

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (BRASIL, 2008).

Busca-se assim romper com a abordagem comemorativa do dia dezanove de abril, Dia do Índio, e dar a esses grupos uma notoriedade frente a questões que

perpassam por inúmeros aspectos da vida, como o social, o cultural, o religioso, as resistências entre outras tantas abordagens possíveis, desde que seja a partir de um olhar crítico acerca do outro, do diferente, sempre ressaltando o protagonismo desses grupos frente às questões que lhe são postas. Ressalta-se que apesar do texto da lei mencionar as disciplinas de como tema a ser abordado transversalmente, todas as disciplinas devem se valer das suas especificidades para abordar a temática seus conteúdos, se possível de forma continuada ao longo de todos os anos de ensino, pois conforme o artigo 26A no seu parágrafo segundo

os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileira. (BRASIL, 2008).

### **Quem é o indígena brasileiro?**

Frente à legislação que atualmente regulamenta a temática indígena nos ensinos Fundamental e Médio, um aspecto que se torna relevante para esta discussão é acerca de qual indígena iremos ensinar em sala de aula. Sabe-se que hoje no território brasileiro reúnem-se mais de 240 povos indígenas falantes de mais de 150 línguas e dialetos (PIB, 2016), sendo que reunidos somam um total de 817.693 indivíduos o que corresponde aproximadamente a 0,43% da população total do país. Destes, 502.783 vive em áreas rurais e 315.180 em cidades (IBGE, 2010).

Como definição legal quem se classifica como pertencente a um desses 240 povos indígenas temos o Artigo 3º da lei 6.001 de 19 de dezembro de 1973. Para os efeitos de lei, ficam estabelecidas as definições a seguir discriminadas:

I - Índio ou Silvícola - É todo indivíduo de origem e ascendência pré-colombiana que se identifica e é identificado como pertencente a um grupo étnico cujas características culturais o distinguem da sociedade nacional;

II - Comunidade Indígena ou Grupo Tribal - É um conjunto de famílias ou comunidades índias, quer vivendo em estado de completo isolamento em relação aos outros setores da comunhão nacional, quer em contatos intermitentes ou permanentes, sem contudo estarem neles integrados. (BRASIL, 1973).

E quanto à integração desses povos ou indivíduos indígenas com os demais brasileiros aqui referidos como “sociedade nacional”, temos no Artigo 4º as seguintes considerações:

I - Isolados - Quando vivem em grupos desconhecidos ou de que se possuem poucos e vagos informes através de contatos eventuais com elementos da comunhão nacional;

II - Em vias de integração - Quando, em contato intermitente ou permanente com grupos estranhos, conservam menor ou maior parte das condições de sua vida nativa, mas aceitam algumas práticas e modos de existência comuns aos demais setores da comunhão nacional, da qual vão necessitando cada vez mais para o próprio sustento;

III - Integrados - Quando incorporados à comunhão nacional e reconhecidos no pleno exercício dos direitos civis, ainda que conservem usos, costumes e tradições característicos da sua cultura. (BRASIL, 1973).

Vemos que os aspectos referentes à identidade indígena não podem ser avaliados de maneira simplista, principalmente sem levar em consideração as opiniões dos próprios envolvidos. Ao buscar reconhecer quem é esse indígena devemos sempre ter a perspectiva de garantir ao indivíduo o exercício de sua liberdade de pertencer a um

grupo, onde dois aspectos devem ser sempre considerados: 1) a autodeclaração e consciência de sua identidade indígena; 2) o reconhecimento dessa identidade por parte do grupo de origem. Conforme declara a Fundação Nacional do Índio (FUNAI)

Identidade e pertencimento étnico não são conceitos estáticos, mas processos dinâmicos de construção individual e social. Dessa forma, não cabe ao Estado reconhecer quem é ou não indígena, mas garantir que sejam respeitados os processos individuais e sociais de construção e formação de identidades étnicas. (FUNAI, acesso em setembro 2016)

O desconhecimento dessas definições gera em muitos o estranhamento frente às realidades indígenas atuais, pois estas fogem ao escopo de um indígena florestal e isolado. Muitos ainda se perguntam se um indígena pode trabalhar em uma fábrica sem deixar de ser índio, ou morar em um grande centro e manter suas referências étnicas. Este estranhamento pode ser traduzido pela simplificação do debate acerca do “ser indígena” observado na sociedade atual, que frente à presença desses em centros urbanos, em praias, à beira de estradas buscam desqualificar os mesmos como indígenas, pois

eles não ‘combinam’ com o contexto, não se adaptam às regras, comprometendo a imagem que nos esforçamos para produzir ... em outras palavras, eles não se enquadram em representações que produzimos para dizer quem são e como são os índios. (BONIN, 2010 p.82).

Devemos sim nos esforçar para que todas as abordagens simplistas acerca do outro sejam superadas, sendo que as referidas leis foram criadas com a finalidade de minimizar a ideia estereotipada e preconceituosa da maioria da população acerca dos indígenas.

## **A temática indígena e a escola – algumas considerações**

A legislação apresentada define que os alunos das redes públicas e privadas durante os anos de ensino Fundamental e Médio devem ser levados a refletir acerca das relações interculturais que permeiam a sociedade brasileira, compreendendo que vivemos em um mundo plural, que abarca tanto o igual como o diferente e que diferença e igualdade são aspectos intrinsecamente relacionados. Se culturalmente, religiosamente, fisicamente entre outras coisas somos diferentes, somos iguais em direitos, deveres, aspirações. Conhecer acerca do outro nos auxilia no processo de conhecermos a nós mesmos e ao mundo que nos cerca, sendo que os jovens

tem o direito de saber que não estão sozinhos no mundo... tem o direito de saber que as pessoas são diferentes. Que o mundo é plural e a cultura é diversa. Que essa diversidade deve ser conhecida, respeitada e valorizada. (FREITAS, 2010, p. 161).

Acreditamos também que a escola é um dos lócus de formação do homem e espaço nato onde o debate acerca das complexidades do mundo em que vivemos deve ser realizado, se possível em toda a sua complexidade, mas acreditamos também que sozinha a escola

não pode anular tal discriminação, mas sim atenuar seus efeitos e desmascarar o convencimento de seu caráter inevitável... Com este objetivo, deve-se substituir a lógica da homogeneização, imperante na escola, com diferentes matizes, desde sua configuração, pela lógica da diversidade. (SACRISTÁN & GÓMEZ, 2000, p. 23).

Desta maneira não podemos atribuir unicamente a escola a visão equivocada que a sociedade tem hoje acerca do indígena, há também a necessidade que os outros grupos

formadores de opinião também intervenham no debate, como a família, as mídias, o governo com ações afirmativas, enfim, temos que construir conjuntamente uma visão que perpassa não somente pelo exótico, mas pelas relações de resistências, contradições, de possibilidades e que dê voz a essas populações que pouco espaço teve para falar por si mesma.

A lei 11.645 é muito clara e objetiva em sua redação, porém na prática sabemos que as legislações só se tornam efetivas se os indivíduos possuírem competência para colocá-las em prática. Desta forma acreditamos que a discussão perpassa pela Formação Inicial e Continuada dos professores, pois estes sem o devido conhecimento acerca da temática somente reproduzirão aqueles saberes que lhes foram ensinados.

## Referência

BONIN, Iara Tatiana. Povos indígenas na rede das temáticas escolares: o que isso nos ensina sobre identidades, diferenças e diversidade? *Currículo sem Fronteiras*, v.10, n.1, p.73-83, Jan/Jun 2010. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol10iss1articles/bonin.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2016.

BRASIL. *Lei Nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973*. Regula a situação jurídica dos índios ou silvícolas e das comunidades indígenas e dá outras providências. DOU Diário Oficial da União de 21.12.1973 (Publicação Original). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6001.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6001.htm)>. Acesso em: 10 set. 2016.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*.  
Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e da  
outras providências. Disponível em:  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>.  
Acesso em: 02 set. 2016.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*.  
Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para  
incluir no currículo oficial da rede de ensino a  
obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-  
Brasileira e Indígena e da outras providências. Diário Oficial  
da União 11 março 2008 (Publicação Original). Disponível  
em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm)>. Acesso em: 02 set. 2016.

FREITAS, Itamar. A experiência indígena no ensino de  
História. In Oliveira, Margarida M. D. de (Coord.). *História:*  
ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, de  
Secretaria Educação Básica, 2010.

FUNAI. Quais os critérios utilizados para a definição de  
indígena? Disponível em  
<<http://www.funai.gov.br/index.php/todos-ouvidoria/23-perguntas-frequentes/97-pergunta-3>>. Acesso em: 09 set.  
2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E  
ESTATÍSTICA (IBGE). População residente, segundo a  
situação do domicílio e condição de indígena – Brasil  
1991/2010. Disponível em:  
<<http://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>>.  
Acesso em: 02 set. 2016.

SANCRISTÁN, J. Gimeno & GÓMEZ, A. I. Pérez.  
*Comprender e transformar o ensino*. 4ed. Porto Alegre:  
Artmed, 2000

# AMAZORA: relatos de um projeto

---

Elaine de Souza Barroso

O Projeto AMAZORA surgiu a partir da iniciativa do Professor Clemente Guimarães Furtado e servidores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Zoraida Ribeiro Alexandre que preocupados com a temática ambiental, elaboraram o Projeto “Ciranda AMAZORA – Amor pela fauna e flora”, hoje aliado ao Projeto das Escolas Associadas da UNESCO – PEA. O objetivo do projeto AMAZORA é proporcionar aos educandos por meio do processo de ensino/aprendizagem o diagnosticar problemas ambientais e buscar soluções possíveis, participando assim ativamente como agentes transformadores do espaço em que vivem, condizentes ao exercício da cidadania.

Em virtude de conflitos ambientais entre homem e natureza, levaremos nossos educandos a uma correlação desses fatos e uma visão holística do mundo em que vivem. Isso, em todos os níveis de ensino da escola, 2º ao 6º ano do Ensino Fundamental, de forma interdisciplinar e por meio de diversas atividades voltadas para demonstrar a importância da vida na Floresta Amazônica e do nosso planeta.

Neste ano de 2016 a Escola Municipal de Ensino Fundamental Zoraida Ribeiro Alexandre, enfatiza por meio do seu Projeto “Ciranda AMAZORA – Amor pela fauna e flora” aliada ao UNESCO – PEA o tema: Índios da Amazônia. Tema escolhido pela comunidade escolar, de

acordo o tema proposto da PEA, que sugere que seguisse o Ano Internacional de Entendimento Global. Assim, a Escola destaca os povos indígenas, dessa nossa Amazônia, bela e culturalmente rica, sua importância, suas diversificadas culturas e tradições, promovendo a valorização dos povos indígenas amazônicos.

Os povos indígenas por muito tempo nos ensinaram uma grande lição de vida acerca da relação do homem com o meio em que vive, e nossa escola retoma essa reflexão sobre a forma de como estamos tratando o ecossistema, é a partir de então; fazer do meio ambiente um espaço favorável à nossa sobrevivência.

Entre os objetivos destacamos: Conscientizar sobre a importância dos grupos indígenas na formação do povo brasileiro; Participar de caminhadas e passeatas de forma pacífica, alertando contra o desmatamento, queimadas, matança de animais, poluição e a biopirataria e sobre a importância dos povos indígenas na Amazônia; Apresentar as lendas, vocabulários, literatura e artesanato indígena; Capacitar os alunos para plantar, recuperar e preservar as plantas e árvores na área da escola e em casa; Resgatar valores humanos em ações sociais para o respeito à vida, ao companheirismo, a responsabilidade, direitos e deveres de um bom cidadão; Estimular a criatividade e a desinibição na arte para possíveis apresentações do projeto; Conhecer as Tribos Indígenas locais e observar a cultura indígena presente no nosso dia a dia através de murais expositivos e palestra na sala de aula pelo professor e convidados; Conhecer o modo de vida indígena por meio de visitas aos museus do índio de Manaus e Novo Airão.

Nossas propostas de trabalho são de curto e longo prazo, e sempre olhada pelo lado da mudança do micro ao macro, estas ações já podem ser observadas por algumas

atitudes dos alunos, no que refere à produção e ao descarte do lixo escolar, coleta de resíduos e distribuição nas cooperativas de reciclagem locais; ações de plantio com a parceria como a Equipe da Comissão de Meio Ambiente (IFAM) Alexandre Ricardo von Ehnert e Crisian Kellen Amaro de Oliveira e alunos. Mine-gincana sobre o tema 'Índios da Amazônia', cada série/ano escolheu uma tribo indígena para pesquisar, a pós o termino da pesquisa responderam perguntas elaboradas pela Coordenação Local, através da rádio escolar AMAZORA .

Arte e Vida AMAZORA é uma ação do calendário escolar destinada a poesia, teatro de fantoche, dança, música ou paródia, desenho, leitura narrativa, poesia, dramatização, canto e coral, onde os alunos fazem suas apresentações na área externas para os demais colegas e convidados. O resultados dessas atividades resultaram em portfólio, quadros e um acervo riquíssimo de criatividade e originalidade dos alunos.

Durante o desenvolvimento da prática pedagógica, esperamos alcançar nossos objetivos por meio da aplicação da educação ambiental, de forma a causar mudança de comportamento nos alunos e da comunidade escolar, para o exercício real da cidadania, solidariedade e cooperação para os cuidados aos animais e da floresta da nossa região.

O projeto AMAZORA busca proporcionar aos alunos a oportunidade de conhecer a herança cultural dos indígenas e incentivar a educação ambiental de forma interdisciplinar e vivenciada, por meio de atividades pedagógicas onde a natureza possa ser compreendida como um todo dinâmico e o ser humano como parte deste meio. Todas as ações organizadas procuram sensibilizar os alunos para perceberem seu comportamento dentro da esfera maior que o nosso ecossistema e possam a partir de então conhecer e valorizar

as comunidades indígenas e aprender a viver em harmonia com a natureza.

Na Amazônia a história dos povos indígenas foi escrita com domínio e submissão e a resistência dos povos indígenas retrata sua força e determinação, lição essa que jamais pode ficar no esquecimento. Etnocídios foram responsáveis pelo enfraquecimento do modo de vida de inúmeras comunidades indígenas, a exploração das suas terras, as doenças, enfraquecimento da sua cultura, a discriminação é visível. Embora a força, determinação e organização estejam vivas no coração dos índios desse Brasil, o espaço conquistado ainda é ínfimo diante da dívida histórica que toda sociedade tem para com eles.

Toda esta consciência será retratada nesta obra **AMAZORA: O DNA da vida amazônica** em forma de poemas redigidos pelos alunos e orientados pelos professores da Escola Municipal Zoraida Ribeiro Alexandre e enfim que nossos alunos possam ter orgulho de suas origens e dos seus ancestrais pela sua força e garra e não neguem suas origens, pois se reconhecer índio é ter orgulho de nossas raízes.



**APURINĂ**



# Corre Apurinã

---

Era uma vez uma etnia diferente,  
cheio de garra, cheio de gente,  
no fundo d'água choras uma enchente.

Toda mata era cuidada, amada por seus protetores,  
papagaios, periquitos cuidavam de suas cores  
e seus curumins cheios de alegria e amores.

Os Apurinã mergulham no Rio Purus,  
apreciavam as nuvens e o céu azul.  
Tem o passarinho, tem o ninho, o ar e o urubuzinho.

No lugar em que havia mata, hoje há grileiros,  
mata o passeio e lhe rouba seu chão.  
Corre Apurinã, tamanduá, preguiça em pé ligeiro de peão.

Fizeram logo um projeto sem ninguém testemunhar,  
se a mata, meu amigo, tivesse pé para andar.  
Eu garanto com o perigo não teria ficado lá.

Vitória Conceição de O. Lopes - Ano: 5º - "B" – Turno: matutino  
Professor responsável – Francisco Manoel Fernandes Picanço

# Apurinã

---

Apurinã em terra, em terra vão,  
com muita união,  
cuidando da fauna e flora toda hora.

Um índio vai para perto do lago Paricá  
e fica perto para caçar,  
sem machucar a nossa flora.

Faz plantio de mandioca,  
volta ao seu lar  
e alimenta a família na oca.

De dia constroem a sua oca,  
juntam barro e palha para pisar  
e com festa na tribo começam todo barro socar.

Índio tira da terra a raiz,  
depois descasca a mandioca,  
pra poder fazer a tapioca.

Na festa índio usa cocar  
e de noite rede para descansar.



**ARARA**



# Arara

---

Sou índio sou guerreiro,  
vivo da mata o ano inteiro.  
Sou índio, sou valente,  
sou igual a muita gente.  
Vivo da caça e da pesca,  
sou protetor da floresta,  
que o homem veio devastar  
e com a natureza acabar.  
Minha vida é assim,  
a proteger a natureza.  
Fico pensando na sua beleza,  
que trás para nós sua nobreza.  
Com cores que nos alegra:  
Verde, amarelas, azul.  
Assim com a arara amarela,  
sou índio, sou caboclo,  
sou Arara...  
Minha tribo é protetora,  
dos animais e da lavoura.  
Com amor a floresta,  
deixo aqui minha palestra.  
Mesmo escrito deixo dito,  
que a nossa floresta não é lixo.

**Alunos participantes 5º ano D** : Arlisson Pereira da Conceição, Diego Silva de Oliveira, Ester Fernandes Barbosa, Gabriel Costa da Conceição, Gean Vitor Nogueira do Nascimento, Kamili Silva de Brito, Letícia Silva e Silva, Marcos Vinicius Dias da Rocha, Milena dos Santos Oliveira, Rayfran Alves do Nascimento, Rebecah Almeida Chaves Neves, Ridick Kallel Feitosa de Souza, Stefane Dutra Begnini, Suzana Freitas da Silva e Vitor Tiago Alencar Lima.

**Professora coordenadora** Maria Iulane Pires.

# Uluri Arara

---

Em 1940 foi o ano que se percebeu a extinção de uma tribo chamada Arara, que perdia sua habitação.

Porque a rodovia transamazônica estava em construção.

Índios que protegiam seus territórios, suas terras e seus rios, em um momento não existiam mais.

Porque os homens considerados brancos os trataram como animais irracionais.

As mulheres dessa tribo não usavam vestimentas, usavam um cinto feito de entrecasca de árvores.

Os chamados uluri para não ficarem desprotegidas, pois sem ele a aproximação masculina era permitida.

Esses índios tinham costumes como toda tribo indígena, viviam da caça e pesca e do abate dos animais.

Em seus subgrupos tinham homens guerreiros, protetores de seu território e donos de seus terreiros.

Mas para se tornarem verdadeiros guerreiros cumpriam certos rituais provar força e resistência.

Isolados em casa tinham que resistir a dor, assim mostravam a toda tribo o seu valor.

**Alunos participantes 6º ano B:** Emelly Jéssica Lima Ribeiro, Emené Eduardo Silva de Assis, Getulio Pedro da Silva Conde, Iara Karine Sáboia da Silva, José Vitor Silva dos Santos, Marlene Araújo da Silva, Max Paiva Menezes, Melita Linhares da Gama, Moises Filho de Souza Meireles, Raína Marcela Santos de Souza, Stephany de Castro Nunes e Luzevan de Souza Rocha. **Professora coordenadora** Maria de Fátima da Silva Lima Cruz



**BANIWA**



# Baniwa

---

Sou Baniwa e vivo a pescar...  
Luto por meu povo!  
E vivo a caçar!  
Sobrevivo trabalhando.  
Somos um povo unidos!  
Que juntos trazemos o sustento!  
Para a família e para o lar.  
Uso arco e fecha!  
E da tribo saio a procurar...  
Somente o que preciso!  
Para a floresta presevar...  
Os Baniwa são um povo aguerrido  
E gosta de trabalhar...  
Com garra e coragem!  
Luto pra me sustentar...

**Alunos participantes 3º ano C:** Ana Carla Ferreira, Antonio Luca Maia, Eloane de Almeida Perreira, Francileide de Souza Lopes, Gabriel Silva de Carvalho, Gustavo Henrique Santos, Haffid Souza de Medeiros, Igor Costa de Lima, Josivan da Costa, Krisna Magalhães da Silva, Kisha Anayh, Segadilho, Lara Vitoria Cardaxo de Oliveira, Leticia Costa de Souza, Luan Basto Cruz Junior, Lucas Gabriel Rodrigues de Araujo, Mariane Victoria de Aquino Costa, Maycon Douglas Bragança Gomes, Railan Alcantra da Silva, Raionilson Simões de Souza, Tiago Pereira Sales, Valney Almeida dos Santos, Vitor Gabriel Pereira e Welem de Araújo Duarte. **Professora coordenadora** Irlane Cavalcante de Amorim.

# Filhos da Resistência

---

De língua Aruak...  
Somos filho do rio.  
Da selva que acolhe nossa gente;  
Somos povo resistente!!  
De bravura incontestável...  
De cultura admirável!!  
Somos luta...  
Somos força crescente!  
Somos emblema desta nação.  
Discriminada, estrangeiros de sua pátria...  
Verdadeiros donos desse chão!!  
Somos garra, somos união...  
Perseguidos e escravizados.  
Não deixamos de existir...  
Nem a força do tempo  
nos apagou da historia!  
Somos memórias, somos nação...  
Somos flechas, cerâmicas cestarias.  
Vivemos na fronteira do progresso,  
com a discriminação.  
Sobrevivemos ao tempo.  
Porém invisíveis...  
Sobrevoando os rastros do passado  
ma certeza de manter viva nossa tradição.

**Alunos participantes 5º ano C:** Augusto Silva Oliveira, Bianca Rodrigues Souza de Souza, Emmelly de Souza de Souza, Ewellin Costa de Castro, Graziely Souza da Costa, Jamilly Biança Sampaio Correia, Jamilly Rosas da Silva e Jhenifer Farias Monteiro. **Professor coordenador** Francisco Valdemir Gomes da Silva.

.



**BARÉ**



# Os Baré

---

Do baixo rio negro eles vieram...  
Fazendo a festa do dabukirí!  
Outras culturas trouxeram...  
A tribo dos Baré estão aqui!  
Acreditando nos encontados...  
Mawalis e Majubas!  
Os desobedientes podem ser castigados...  
E ao seu mundo levados.  
Fazendo o karimajada...  
Para jovens iniciar!  
Durante a festa toda...  
Eles deveriam jejuar.  
Nasceram dos Arawak  
Moradores do rio Xié  
Estes são lendários Baré.

**Alunos participantes 6º ano C:** Eduarda Viera Aires, Elton Ryan Bastos Tavares, Geovana Nascimento Bentes, Henrique Ferreira de Oliveira e Kleissiany Monteiro do Nascimento. **Professoras coordenadoras** Alinny Barbosa von Ehnert e Maria Francisca dos Santos.

# Preces dos índios Baré

---

**Rosinéia Ferreira Veríssimo**

Pelos povos da Amazônia,  
pelos índios Baré.  
Pelos nativos desse chão  
de origem Aruak, pelos índios de tradição.  
Que falam Nheengatu e comem frutos silvestres,  
que plantam e caçam e apreciam um beiju.  
Pelos Índios de pele branca,  
pela nossa floresta que encanta.  
Pelo balançar das folhas, pelo canto dos pássaros, pelo  
embalo das águas.  
Pelos habitantes da margem do Rio Negro e seus afluentes.  
Pelos que tentaram acabar com essa gente.  
Aldear e escravizar, falar o português e rezar o latim.  
Pelos povos e aldeias inteiras dizimadas por invasores,  
holandeses, franceses e portugueses.  
Extrativistas de piaçava, cipó, borracha, puxuri e castanha.  
Pelos povos arrastados até os seringais, sovais e castanhais.  
Pela nossa cultura rejeitada,  
pelas nossas mulheres e crianças mortas e escravizadas.  
Pelos povos dizimados,  
pelo sangue derramado na luta contra invasores.  
Pelos nossos defensores que lutam por nossa história,  
por um futuro de glória, de miscigenação e povo sem  
preconceito e discriminação.



**KAMBEBA**



# Povos das águas

---

Elaine de Souza Barroso

Sou Kambeba, sou nativo,  
sou herdeiro do lugar.  
Já fui dono desta terra,  
minha cultura é milenar!  
Minha historia foi escrita  
com o sangue do meu povo!  
Fui guerreiro e resisti...  
Domínio!!! Exploração!!!  
Tentaram me calar,  
mas não me calaram não.  
Reduziram as minhas terras,  
minha mata não tem cor.  
No meu rosto rola lagrimas,  
vendo o rio que secou!  
Sou Kambeba...  
Tenho muito a te ensinar...  
Não sou doutor, especialista.  
Minha faculdade é a vida,  
mas aprendi a conservar.





**MUNDURUKU**



# Guerreiro Valente

---

Guerreiro forte e valente.  
É o índio Munduruku!  
Cuida de sua floresta;  
E de seus animais;  
Suas lutas são constantes...  
Para manter viva sua história!  
Desde as mudanças nos costumes;  
E até falar outras línguas.  
Vamos respeitar nossos índios!  
Que aqui já estavam...  
Quando aqueles portugueses.  
Por aqui apareceram...

**Alunos participantes 4º ano D:** Alex Cordeiro de Moraes, Alexandre da Cruz Miranda, Elenilton de Moraes Teixeira, Kauã da Conceição Torres, Luiz Adriano Costa da Cruz, Maria Clara Lira de Castro, Mikaela Souza de Abreu, Raissa Lira Silva e Richard Gomes de Souza. **Professora coordenadora** Mileny Soares da Cunha.

# Munduruku

---

Das entranhas da Mundurukania  
surge um povo unido, guerreiro e corajoso,  
Que mostra o seu amor pela floresta.

Povo valente que resiste ao tempo,  
com seus rituais  
tentam preservar a natureza!

Com suas pajelanças,  
buscam em seus antepassados,  
a cura para seu povo.

Munduruku, Mundurukania!  
berço de um povo varonil  
com todas as suas lutas és orgulho do Brasil.

**Alunos participantes 4º Ano B:** Adriano Souza Assis, Eduardo Henrique Menezes Lima, Eduardo Rocha da Cruz Brandão, Elias Renan Aquino dos Santos, Francisco Assis Craveiro do Nascimento Junior, Gabriel da Silva Reis, Gelsivan Vasconcelos de Moraes, Jhucely da Costa Souza, Kauã Praia da Silva, Kauê da Silva Almeida, Leandro Castro Cardoso, Leiliane Souza da Cruz, Matheus Rodrigues de Castro, Renan Oliveira da Silva, Ryan Afonso de Brito Dantas, Sabrina Silva dos Santos, Steffane Moraes Melo, Vitorio Messias Delfino e Yasmin Lima da Silva. **Professora coordenadora** Mileny Soares da Cunha.



**MURA**



# Os índios Muras

---

Os índios Muras  
são guerreiros e valentes  
lutaram pelas suas terras  
com vigor de muita gente.

Sou caboclo legítimo  
do rio Madeira  
tenho no sangue, a bravura  
e uma força guerreira.

O sangue do índio guerreiro Mura  
é a herança dessa etnia  
que luta pela sua terra  
pra viver em nossa companhia.

**Alunos participantes 3º ano A:** Carlos Daniel da Silva Lima, Luan Marcus Pinto Batista, Luciano Soares da Silva, Micael Lucas Cardoso da Silva, Riquelme Achão Ferreira, Vanessa Pinto Rolim, Steffany Caroline Ramos Soares, Fábio Júnior Batista da Silva Filho, Francisco Garcia Rodrigues, Izabelle Cristina Oliveira Chaves, Jessé Victor Mendes da Silva, Laila Gabriela de Souza Damasceno e Larissa Silva da Silva. **Professora coordenadora** Maria de Jesus Silva e Silva.

# Ser Mura

---

Os Mura moram em casa de palha  
caçam e pescam para comer  
usam arcos, flechas e lanças  
pra também sobreviver.

O mura é um guerreiro  
valente e temente  
planta mandioca, faz farinha e come peixe  
produz roça, bijú e tucupi.

Tem raça e é forte  
diferente parece ser  
quando luta não recua  
não desiste, insiste pra valer.

**Alunos participantes do 3º ano B:** Abraão Endrew do Nascimento, Brenon Lucas de Souza, Edimaele Vasconcelos, Emilly Riana Souza de Almeida, Fabiano Franco dos Santos, Gabriel de Araújo Campos, Joelly Cristiny Rodrigues Alves, Juliana de Azevedo Pereira, Keven Castro Gomes, Valentina Gomes dos Santos e Wilkson Silva dos Santos. **Professora coordenadora** Alessandra Lima Coelho.



**TICUNA**



# Os índios Ticuna

---

Os índios Ticunas merece consideração,  
pois esse grupo tem uma das maiores populações do Brasil.

Sua língua é a TICUNA e é tida como língua isolada,  
por não se encaixar em nenhuma das suas raízes.

Antes da chegada dos brancos no Brasil os índios Ticunas  
eram felizes.

**Alunos participantes 2º Ano A:** Ana Clara Achão Reis, Isabella Lima da Silva, Luiz Felipe Lima da Silva, Maria Luiza Nascimento de Aquino, Ana Vitoria Rodrigues dos Santos, Nicolly Vitória Antunes Bastos e Pâmela Luana da Silva Mata. **Professora coordenadora** Luciene Praiano Martins.





**WAIMIRI-ATROARI**



# Waimiri-Atroari

---

Meio ambiente na Amazônia.

Amazônia terra indígena.

Waimiri-Atroari

povo que busca seus direitos.

Waimiri-Atroari

povo que quer

preservar a floresta.

Waimiri-Atroari sofreu,

sofreu com a guerra,

um povo em extinção,

povo que só quer preservar,

preservar o meio ambiente

para a vida melhorar.

Waimiri-Atroari!

**Alunos participantes 2º ano B:** Alessandro Pereira Perrone, Ana Helena Barros Bezerra, Denise Almeida da Silva, Emanuely Diana Vilena de Souza, Erick Eduardo Mendes da Silva, Geicilane Gabriele Ribeiro de Castro, Gilvany dos Santos Thury, Henrique Coelho Cordovil, Iasmim de Carvalho Pereira, Jhonatan Josué Souza da Silva, Laís Andrade da Silva, Liliâne de Souza Lopes, Luan Gomes dos Santos, Máyra Victoria Lira de Castro, Melissa Aquino Linhares, Messyane Victória Delfino Gama, Pedro Henrique de Oliveira Santana, Reinan Hugo Cabo Verde Porto, Rosilane dos Santos Coelho, Sarah Fernanda Menezes Lima e Thainara da Costa Furtado. **Professora coordenadora** Lúcia Maria Martins Carvalho



# Lamentação indígena

---

Clemente Furtado Guimarães

Sou poeta da floresta  
Sou índio do Brasil  
Filho da Amazônia  
Guardião do meu solo sagrado  
Sou lenda, sou história  
De derrotas e de muitas vitórias!  
Ó nação aguerrida! Ora sofrida! Ora feliz!  
Ó homem! Por que tua ambição  
Gerou tanta dor e sofrimento ao meu povo?  
Hoje índio chora, implora e grita!  
Com força e firmeza... Respeite a Vida e a Mãe Natureza.  
Que muitas vezes exaltada. Ora agredida! Ora pirateada!  
Queimar as matas é destruição;  
Matar as plantas e animais é extinção...  
Poluir o ar é degradação.  
Homem! Por que tua ambição gerou morte!  
Criou desolação!  
Hoje índio chora, implora e grita!  
Não mate a Natureza!  
Proteja a vida!





**APURINÃ ARARA BANIWA BARÉ**  
**KAMBEBA MUNDURUKU MURA**  
**TICUNA WAMIRI-ATROARÍ**



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Membro das



Escolas Associadas da UNESCO